



CALVÁRIO

Passeio nocturno

ANTES de me sentar para escrever estas linhas dei uma pequena volta pelo exterior.

Ouvi o sino tanger pausadamente as dez horas da noite. O silêncio absoluto reinava no Calvário. Parecia-me estar numa aldeia sem alma viva. Nem um ruído, nem um gemido. Só a luz dos candeeiros quebrava a escuridão e tornava visíveis as folhas das árvores e a brancura das habitações. Uma enorme paz invadia os espaços e fazia bem à alma. Quedei-me, por momentos, a escutar o sossego da noite.

O pragmatismo dos nossos tempos, o ego-centrismo, a vida agitada tiram ao homem de hoje a capacidade de apreciação, de descoberta daquilo que é belo no mundo.

O que mais delícia nesta Casa é o encantamento de algumas pessoas que nos visitam. Esta senhora veio da Figueira. Já nos conhecia pela leitura d'*O Gaiato*. Sabia muito da nossa vida. Entrou, saudou os doentes, espreitou as casas, observou as árvores envolventes, estendeu o olhar pela quinta e depois veio ter comigo. A frase que lhe saiu dos lábios antes de qualquer outra foi esta: — *Isto é o paraíso!*

Quando em tempos idos visitei, pela primeira vez, esta quinta, na companhia de Pai Américo, também ele nos disse extasiado: — *Deixo-vos coisas tão bonitas!*

A exclamação daquela senhora doutora, repetida muitas vezes por outros que aqui aparecem, brota naturalmente de quem vem sem problemas nem pressas; de quem não anda a pensar em si, mas nos outros e para eles deseja o melhor bem; de quem está aberto à novidade e não traz preconceitos, mas alma de criança.

Afinal, o paraíso está dentro de nós, na capacidade que temos de nos encontrar com as coisas simples e belas, com a harmonia da natureza, com o bem-estar alheio, com a paz, com o silêncio.

Todos perdemos o paraíso quando nos

deixamos invadir pelo turbilhão do mundo, pelo mal que nos cerca e nos tenta. Quem anda em tensão com o mundo e deseja libertar-se dele e nele se não enreda, vive em paz e em muitos momentos da vida é capaz de encontrar o paraíso.

Em tempos, uma rapariga da área da Saúde quis entregar-se a esta vida. Vinha, no entanto, carregada com o hospital onde trabalhava. Era o pessoal. Era a técnica. Era a azáfama dos doentes. Era o cheiro a álcool. Passados dias veio dizer-me: — *Vou-me embora. Aqui falta-me tudo.* E partiu. Trazia o diploma debaixo do braço; não vinha liberta. Por isso nada a encantou.

O paraíso está dentro de nós. É a sementezinha que Deus depõe no nosso interior, vazio e receptivo, para que a reguemos com o amor, com a alegria de viver, com o bem e com a paz.

Então seremos capazes de nos encantar e escutar um dia o Pai Celeste: — Também tu és um filho dilecto.

Padre Baptista

SETÚBAL

A barraca foi o seu berço

FOMOS conhecer o Carlos. Criado desde pequenino pela avó, chegou agora aos treze anos de idade. A barraca foi o seu berço. Apesar de se terem mudado para casa social, ele nunca perdeu a ligação ao meio em que cresceu. Todos os dias pela manhã, aí vai ele pelas ruas alcatroadas fora, ao encontro da terra batida que calcorreou vezes sem conta na sua meninice. E dos amigos, companheiros de aventuras.

Pela terceira vez consecutiva frequenta o mesmo ano escolar. Frequenta? Não, está matriculado no mesmo ano, praticamente desde que mudou de ambiente, à excepção de um ano que concluiu com êxito.

A avó não o consegue segurar, e sofre pelo futuro dele. Foi à Segurança Social e ao Tribunal, mas o processo demorou longo tempo a resolver-se.

Até que, por estes meios, nos chegou o pedido para recebermos o Carlos.

Bastaram três horas para a viagem e o conhecimento mútuo, e o assunto ficou

resolvido. O Carlos tem para si um lugar nesta Casa que será a sua nova Casa. Sem burocracias, sem perda de tempo que o perigo anda próximo.

«Tu a continuares assim vais parar a uma prisão!», expressão da dor da avó com que o Carlos concordava; ele quer vir para nós.

Foi um martírio para ela tê-lo mantido em casa naquele dia em que os fomos conhecer, com aviso prévio. Daí a insistência da avó-mãe para que no dia seguinte não esquecêsemos de fazer o necessário para que os Serviços Oficiais fossem levar o Carlos, na companhia da avó, à Casa do Gaiato.

Assim fizemos... mas os atrasos das burocracias obrigaram-na a esperar mais alguns dias para que o seu coração pudesse ter algum sossego.

Quanto mais simples melhor. Já nos basta a teia de trabalhos que temos de tecer no dia-a-dia. Só quem os não tem, precisará de complicar os processos para justificar o seu posto de trabalho.

Continua na página 4

PRATICANDO O BEM

Comunicação católica

CONVIDADOS, também estivemos nas Jornadas da Comunicação Social, realizadas em Fátima. O Júlio Mendes e eu. Ele, um decano redactorial; eu, um aprendiz. O sr. Júlio, assim o trato, era para mim, uma credencial de jornalismo cristão católico. Ele bebeu, de perto, o jeito e o génio do Padre Américo a quem sempre, e, com toda a razão, tratou por Pai.

Como os filhos, também lhe apanhou os tiques, isto é o modo de tratar os assuntos; os punhos de renda com que denunciava situações de injustiça de forma que se evidenciassem, sem ferir ninguém, levando toda a gente a detestá-las e a bani-las, de coração convertido.

O que faz católico um jornal? — Era a pergunta que serviu de tema.

Gostei de ver um jornal despido da propriedade, do pensamento editorial para o observar tal qual é, e, depois, concluir pelos assuntos que aborda e pela forma como os trata se é católico ou não.

«Seja a vossa palavra sim, sim, não, não» — estava a ouvir Jesus — ao escutar a voz esclarecida, graciosa e empenhada de alguns Padres responsáveis de jornais católicos.

Continua na página 3

BENGUELA

Crianças de Angola

TRAGO os meus olhos cheios de crianças e o coração também. São as crianças de Angola. Quando subo os morros e entro nos bairros à volta da nossa Casa, elas saem de todos os lados, em grupos, a saltar de alegria, como quem espera a visita há muito desejada. O pouco ou nada que têm não lhes rouba a

confiança em quem vai por bem. Elas merecem tudo. O que há de melhor deve ir para as crianças. Levamos sempre tão pouco e regressamos mais felizes! Quando damos o que podemos, estamos a construir um lar melhor. Aqui está o segredo duma sociedade transformada. Vale a pena experimentar.

Há uma pergunta escondida que salta espontaneamente cá para fora, quando vejo a multidão de crianças a crescer, fora da escola: — Como ajudá-las a ser o futuro digno da Nação? Quem lhes dá a mão? Centenas de milhar não estudam na idade de estudar. Faltam salas de aula. Faltam professores.

A Casa do Gaiato vive o problema, como ferida na sua própria carne, e quer ajudar a resolvê-lo. É uma montanha a subir com decisão. Desde o início da sua actividade, a porção mais nobre das economias vai para a Escola. Centenas de

crianças dos bairros circunvizinhos enchem, todos os dias, as salas de aula. A maior parte delas, porque nada têm, recebem todo o material escolar, como se fossem filhos dilectos da Casa do Gaiato. Saem de suas casas, nos bairros, sem comer; mas não entram na escola sem a refeição que lhes damos. Os mais pequeninos começam a crescer, amorosamente, no infatário provisorio e, quando chega a idade da pré-escola, iniciam o seu caminho escolar.

A subalimentação é problema muito grave que afecta o

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — Vale postal, de cinquenta euros. «No verso e em lugar apropriado, disse que não pretendia recibo. Só queria no Jornal fosse feita referência à importância pelo número de assinante, para eu ficar certo que o vale foi recebido». É a presença do assinante 16696, de Venda do Alcaide.

Agora, vem lá a assinante 68476, de Ponte de Reada, Ovar, presente com cinquenta euros, em vale do correio. «Gostava que mencionassem n' O GAIATO, sobretudo para conhecimento dos meus netos». O costume, da assinante 31104, de Lisboa, que enviou a oferta normal e sublinha: «Não esqueço os que sofrem e espero que rezem por mim e pelas minhas intenções, se for possível. Não mencionem a importância».

Duzentos e setenta e cinco euros da assinante 26004, residente em Rina — Lamego.

«Muito grata pelas vossas palavras e por termos a possibilidade de ajudar os mais desfavorecidos porque temos confiança no que vós fazeis, envio um cheque de quarenta euros para a vossa Conferência. Mais uma vez agradeço o recibo da oferta por tudo». Assinante 11856, do Porto.

Setenta e cinco euros da assinante 9790, de Perosinho, que pede uma oração.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE MALANJE

PEQUENOS PARAÍSO — Se andamos à procura de pequenos pedaços do paraíso perdido, ficamos a saber que na Obra da Rua existe o que procuramos com tranquilidade, na serenidade e no silêncio.

Todas as Casas do Gaiato têm um recanto para o descanso e o lazer. Só agora consegui conhecer o de Azurara, um esconderijo que parece um verdadeiro oásis onde se usufrui de noites serenas e não se pensa nas horas.

Malanje também tinha um cantinho, na ilha de Luanda, uma casa emprestada por um amigo que nos dava o prazer de descansar ao sabor do barulho das ondas e acordar com o cheiro agradável do ar marítimo.

Nestes pedacinhos da Obra da Rua, o olhar é tão importante que acaba por despertar pouco a pouco outros sentidos, não se esquecem nunca estes momentos de lazer e de vida a um ritmo lento, que nos obrigam ao refúgio na contemplação.

Há mais cantinhos na Obra da Rua que, por vezes, não

aproveitamos a benevolência e não analisamos nem afirmamos a nossa doação ou carinho por aqueles que no sofrimento tentam ser uma entidade humana e que só a Doutrina de Pai Américo nos ensina: O Calvário é esse refúgio, local de acolhimento, de aceitação e de agrado para quem comporta a dor sem angústia.

Se estivesse em Angola, talvez o meu refúgio fosse a aldeia de leprosos de Dange-Ia-Menha, onde as águas eram límpidas, as cubatas de adobes de terra caiadas de branco, cobertas de capim, chão de terra batida, talvez na sombra de um «Imbondeiro»!... Onde param estes doentes que Padre Telmo tanto respeitava?... Só a amargura da guerra sabe!...

O NOSSO ENCONTRO — Padre Acílio chegou para confraternizar um bocadinho com os malanjinos. Vinha alegre e bem disposto, para quem não o conhecia parecia um dos nossos.

Não tinha hóstias nem vinho de Missa para a Eucaristia e pediu-me para arranjar pão e vinho, «não brinque comigo»... Nunca nos meus 52 anos de vida tinha ouvido tamanha lição de Cristo. Valeu-me o irmão mais velho, Fernando Dias, que me elucidou que era possível, quando eu já caminhava para a Capela com uma faca e um pão. Recuamos para a cozinha, o pão foi cortado aos bocadinhos pequeninos e levamos um pouquinho de vinho. Senti-me como uma criança quando inicia a educação escolar.

É meu costume ficar num local próprio para fugas durante a Eucaristia: Padre Acílio sabia e disse haver um lugar vago na frente, chamou-me para o ajudar. Padre Telmo já me tinha feito o mesmo. Gostei, porque quando ele me pedia vinho eu fornecia-lhe água.

O Quim Vieira e o filho do Nelo foram excelentes organizadores. Fui acompanhá-los nas compras e temia ao ver o carrinho das compras a encher com medo que o dinheiro não chegasse para tudo, anotei que não sei valorizar os produtos que nos animam o estômago, chegou e sobrou algum. Actualizaram os endereços, somos 23 famílias, não contando com os nossos filhos já casados e que estão sempre presentes, mas podemos ser mais.

O Manuel Rebelo (Manelzito) leu n' O GAIATO a minha última crónica, na África do Sul, pegou nas malas e resolveu participar no nosso convívio. Veio sozinho e não teve tempo de trazer a esposa e a filha. Há 27 anos que não nos abraçávamos e uma simples frase no «pequeno jornal» faz com que um homem venha dar abraços aos irmãos a milhares de quilómetros. Quando terminou o encontro foi ver outros irmãos e a Casa que lhe deu tantas alegrias — Paço de Sousa. Boa viagem de retorno e volta sempre que puder e se possível com mulher e filha, que continues a ler O GAIATO.

Também tivemos o prazer da presença do «Chiquito» da Casa do Gaiato de Benguela, uma presença agradável que pode mudar o nome dos nossos encontros para Antigos Gaiatos

de África. Esperamos que ele vá ao próximo convívio e que leve com ele outros gaiatos de Benguela, somos todos filhos de Pai Américo. Obrigado meu amigo «Chico», há 30 anos que não te dava um abraço.

Falei para Luanda com um dos nossos companheiros, o Carlitos, que nos dá notícias quando Padre Telmo se desloca a Luanda e necessitamos de falar com ele. Falei-lhe que estávamos reunidos e ouvi: «como gostava de estar aí com vocês!»

O Catete e o Laranjinha vão ser os responsáveis do próximo encontro. Esperamos que contribuam para que esta família se torne mais unida e mais fraterna. Este ano tivemos uma presença de 75 pessoas. Esperamos mais. Os organizadores estão a estudar a data e o local do convívio que, em princípio, será na Casa do Gaiato de Setúbal ou em Viseu, tudo depende da presença do nosso Padre Telmo.

Temos que agradecer às esposas e filhas que nos ajudam nas compras e não nos deixam cozinhar nem limpar as cozinhas e refeitórios. Para todos o nosso abraço fraternal.

Manuel Fernandes

SETÚBAL

OBRAS — Estamos a colocar a tijoleira no chão e as janelas em madeira, nos quartos dos rapazes mais velhos. Pintámos também o corredor junto às casas três e quatro. Ficou tudo mais bonito, e esperamos que os rapazes não estraguem o trabalho.

PARQUE — O tio Zé anda a arranjá-lo com a ajuda do «Monchique» e do Tiago «Alentejano». O piso está a ser reparado e os baloiços consertados e pintados na nossa serralharia. Vai levar também um escorrega novo feito pelo Zé Arlindo e um balancé que nos deram. Quando estiver pronto os rapazes vão-se divertir muito.

ESCOLA — Vai começar um curso nocturno do Ensino Recorrente para aqueles rapazes que ainda não fizeram o segundo ciclo, aberto a pessoas de fora. Funcionará em Bregos do Assa. Esperamos que todos aproveitem esta oportunidade para se fazerem uns homens.

CAMPO — O pomar dos galinheiros vai ser transformado em pomar de macieiras. O Fernando tem andado com a bulldozer a preparar o terreno para que fique direitinho.

TROPA — O «J. P.» foi para os Pára-quadistas. Está a gostar de lá andar porque gosta de fazer flexões e de correr, para ver se ganha a boina verde. Outros rapazes foram à Inspeção. O Nuno «Sapateiro» está a contar ir para a Força Aérea e o «Beijana» mais o Nuno «Cigano» para Pára-quadistas. Só cá temos tropas especiais! O Vicente, continua em Timor e o Gui-

lherme, na Marinha. O «Minhoca» está a cumprir contrato com o Exército.

«Cowboy»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Pedimos desculpa pela demora em dar notícias, mas os nossos irmãos mais carenciados sempre foram visitados pelos nossos vicentinos, levando sempre uma palavra de amor que o Pai do Céu nos transmite através do Evangelho.

Durante os anos da existência da nossa Conferência que a norma é a visita aos Pobres no seu domicílio porque, como vicentinos, a nossa missão é compartilhar com eles as suas tristezas, levando sempre a palavra amiga e o conforto, juntamente com as ofertas que os nossos amigos vão partilhando.

Mas, à medida que o tempo vai passando, notamos que as suas necessidades vão aumentando. Vamos tentando, dentro do possível, minimizar. Estão sempre à nossa espera, não só pela parte material que levamos, mas para desabafar as suas mágoas. Notamos que a nossa amizade já é muito forte, são como uma família para nós. São salutares estas nossas visitas. Aprendemos sempre com eles, sentimo-nos enriquecidos com o amor e a alegria que eles nos transmitem, ao confiarem em nós.

Outro ponto, é o espírito de franca cordialidade que existe entre os vicentinos, fruto natural da amizade que nos une, nas reuniões da Conferências e fora delas. Esta cordialidade não foi imposta por nenhum regulamento, mas, sim, o sermos todos irmãos, porque gaiatos, e trabalhamos para o mes-

mo fim, servir o irmão mais necessitado — o Pobre — graças a eles existe entre nós, confrades, uma confiança que é a razão da nossa existência como vicentinos.

«Se a Caridade é uma flor» — dizia S. Vicente de Paulo — «a cordialidade é um perfume».

RECEBEMOS — Amiga Carminda, 50 euros. Anónimo, 20 euros. Amiga, de Fiães, a sua habitual oferta. Maria Ferrão, de Arcozelo, o seu donativo. Vale do correio, de M.M. Assinante 22890, com os seus oitenta anos e com uma carta animadora dando-nos força e o seu contributo. Anónimo, de Lourosa, sempre solidário com os nossos Pobres, cá chegou a oferta.

Em nome dos nossos irmãos mais carenciados, bem-haja e que Deus vos proteja.

Casal Félix

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — No dia 28 de Setembro, os Iniciados deram o pontapé de saída nas andanças do futebol desta Casa, realizando o primeiro jogo da época com o S. C. Vianense. Estivemos a ganhar por 2-0. Todavia, não fomos capazes de aguentar a pressão do adversário, o que nos levou a registar, no final do encontro, um empate a três bolas. Mesmo assim, não estivemos mal, mas reconhecemos que podíamos ter feito melhor. Era o primeiro jogo, e a equipa sentiu, e muito, a saída daqueles que, por causa da idade, tiveram que passar de escalão. No entanto, estou convencido que com o andar dos tempos e com o trabalho que ainda há para fazer, tudo vai chegar ao entrosamento desejado. É que fazer

omeletas sem ovos, não creio que seja possível!...

Já agora, gostaria de dizer àquela assistência que nada faz em prol de quem quer que seja, e tão mal diz de tudo e de todos, que se não são capazes de verem futebol da categoria do nosso, o melhor seria frequentarem outros campos, mas não da modalidade!... Os rapazes precisam de quem os incentive e não os desanime.

Também neste dia, a Câmara Municipal de Penafiel realizou um encontro, a vários níveis, naquela cidade. Entre muitas outras coisas, teve lugar um desafio de futebol no relvado principal do F. C. de Penafiel com algumas pessoas bem conhecidas dos portugueses. Com carinho e dedicação a Direcção do evento, solicitou a presença de alguns dos nossos rapazes mais velhos para jogarem ao lado dos ditos senhores. Pelo que apuramos, os nossos «craques», pena foi terem ido tão poucos, não fizeram má figura, bem pelo contrário. Dignificaram o bom nome da nossa Casa com uma postura correcta e educada antes, durante e depois do jogo. Parabéns, portanto, ao Ilídio, «Caneco» e Daniel, que mostraram saber estar à altura dos grandes acontecimentos.

Também os Seniores realizaram o seu primeiro jogo da época. Receberam «Os Fiascos», a quem ganharam, apesar de terem feito uma primeira parte bastante abaixo do que é habitual. Com vários jogadores ainda com falta de ritmo, o que é perfeitamente normal no começo de época, na segunda parte e com as mexidas que o treinador fez, conseguiram dar a volta ao resultado. Apenas queria salientar três dos sete golos marcados pela nossa equipa: um do Daniel, outro do «Tainha» e um outro do «Turbinas». Três bons golos, com a ajuda, é claro, de toda a equipa, que na segunda metade funcionou em pleno.

Alberto («Resende»)

PÃO DE VIDA

Ervas com boa semente

«O Reino dos Céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo.» (Mt 13,24)

Asabedoria sobre as espécies do reino vegetal pode ajudar, de forma rasteirinha, a abrir uma clareira para o Reino dos Céus, quando há nuvens cinzentas, invocando o Nome em vão.

Deus não é todas as criaturas. E confia na pessoa humana, ao ponto de deixar nas nossas mãos as sementes para lançar na terra e a capacidade de escolher: «Também vos dou todas as ervas com semente que existem à superfície da terra» (Gn 1,29).

Os que vivem ligados à terra, conhecem mais de perto os benefícios alimentares e medicinais das plantas. O solo arável é propício para a germinação das boas sementes. No entanto, também crescem ervas daninhas, nocivas para as culturas.

Jesus vive num ambiente rural e conhece bem este contexto terreno. No Evangelho, são visíveis os matizes das paisagens das

aldeias e cidades, por onde caminha, anunciando a boa notícia da proximidade do Céu, já agora, na terra. Quando, no horizonte das searas de trigo, vê despontar algum joio, recomenda que os deixem crescer juntos, porque há «tempo para arrancar» (Ecl 3,2). Mestre simples na sabedoria do antigo Israel, parte da criação para transmitir uma imagem fiel do verdadeiro Agricultor: a boa semente é sempre lançada pelo Filho do Homem.

«Nós somos a seara imensa do trigo e do joio», escreveu Pai Américo, deslumbrado e dilacerado, ao acompanhar o crescimento dos filhos da desventura, acolhidos numa Casa para a aventura de se fazerem homens.

O que acontece, no dia-a-dia, de trabalho, nesta Família, é um retrato discreto, mas concreto, da tarefa exigente de cuidar do crescimento das boas sementes. Nas vias e jardins do Calvário e na quinta, é preciso

MOÇAMBIQUE

Animais quase extintos

PAI Américo, que nasceu numa casa agrícola abastada, conservou na memória a vida sadia no campo da sua infância. Intuiu as Casas do Gaiato para crianças da rua, num contacto directo com a natureza, como uma medicina natural.

Todas elas estão enquadradas por parques e altas árvores, onde fazem ninho os passarinhos e cantam o alvorecer das manhãs, a embelezar o despertar dos rapazes. Mas também, de áreas agrícolas onde eles aprendem a trabalhar a terra, as fruteiras, a lidar com o gado e pequenos animais e diariamente, uns colhem por suas mãos o alimento, que outros servem à mesa de todos.

Aqui em Moçambique, temos preservado todos os animais que, à chegada, estavam quase extintos. Só damos caça às cobras mambas, cuja picada é mortal. Há pássaros todo o ano desde o pequenino xirico à águia. Desde o alvorecer ao canto da tarde, na Capela, podemos ouvi-los. Na lagoa onde já tiramos até peixe para alimentação e este ano vai secar por falta de chuvas, aparecem os patos às centenas, os gansos, as garças cinzentas e as mais graciosas e quase familia-

res que andam por todo o lado. Maiores, como as impertinentes galinhas do mato, que nos invadem ao pôr do sol, as culturas, já são ameaça. Enfim, macacos e gazelas se têm reproduzido aqui, para além de toda a variedade de animais domésticos que são parte da alimentação diária.

Mas porque a área agrícola da fazenda, quase 50 ha., requer técnica, máquinas e investimentos grandes, temos feito culturas adequadas ao consumo corrente e outras para recuperar custos, o que tem sido impossível. Agora mesmo, agradei ao Ministro da Agricultura a isenção da taxa devida pela exploração da terra, que nos poupa a passar de mil dólares por ano. Mas só energia, combustível e água, por mês, vai a mais de seis mil, sem contar assistência, peças, concertos de alfaias e tractores.

Temos gado leiteiro, de produção comparada ao da Califórnia, segundo o director da *Land O Lakes, Inc.*, procuramos as melhores sementes, os melhores adubos reforçados com estrume dos currais, falha-nos a água como este e outros anos, os preços de mercado são de concorrência com a África do Sul e ficamos sem capaci-

dade financeira para novas culturas. Um nosso vizinho dedicado exclusivamente à produção de leite, acaba de abandonar a terra, ao fim de quatro anos de trabalho intenso, sem ter conseguido qualquer lucro, nem tão pouco o seu salário. O comprador sul africano vai plantar nela mil hectares de bananeira para o mercado da sua terra. Faz a venda por metade do preço, por que conseguimos colocar a nossa no mercado. É a lei do mais forte. Se não fosse o apoio de quantos, em Portugal, se doem connosco, e que as Casas do Gaiato vão canalizando para aqui, teríamos de parar e desistir também de trabalhar a terra.

Trabalhamos pelas pessoas, não pelos lucros, como faço compreender aos nossos trabalhadores e aos rapazes. A formação deles e a capacidade aqui adquirida para enfrentar a adversidade que o futuro lhes traga, vale bem todo o empenho e sacrifícios. O dinheiro desaparece, é certo, o nosso vigor físico vai-se depauperando, mas florescem homens e Deus é servido. Por isso, vamos tentando sempre o melhor. Moçambique será, por muito tempo, um país agrícola. Dos três rapazes que estão no Brasil, um vai passar à Universidade. Os outros dois vão em frente também. Agora mais três entraram nos Institutos Agrários do Chocwé, Inhambane e Chimoio. São caminhos abertos, para um amanhã que já demora.

Padre José Maria

TRIBUNA DE COIMBRA

Assinaturas também são donativo

POR isso, sempre que alguém nos pergunta o «quanto custa», apontamos o coração como referência... Hoje, a nossa «Tribuna» faz a soma de euros com sabor a partilha do coração. A. Geraldo Apóstolo de Condeixa, 121,70. M. R. Brandão, de Coimbra, saldou a sua assinatura e inscreveu os seus filhos, doutores e engenheiros na Lusa Ateas. Rosária, de Leiria, 125 da sua recolha porta-a-porta. Tantos leirienses que ainda não fizeram a sua

assinatura...! Era mais fácil! Visita dos jovens que frequentam o Pré-seminário, 225. Na igreja de S. José, 105. A Escola de Cantanhede, 270. Sector Sócio-caritativo de Soure, 320. Escola Secundária de Castro Daire, 321. Mais 330, de Amazides, Braga. O casal amigo dos Cebolais, com a presença do costume. Presença pontual de Graziela. O mesmo de Imelda, de Sá Campos Gil, Santeda Minga e a transferência de Santos Rodrigues. Bem hajam! Maria Duarte, de Tomar,

com 250; e Maria Teresa, de Coimbra, com 500. Escola Secundária da Guia com 300. Agibrands, de Cantanhede, também presente. Assinaturas de Francisco, de José, de Adélia, de Margarida e de Lídio, do Bairro Novo. Missa e sermão a Santo António na festa de Lobazes, 158. Várias ofertas, no nosso Lar de Coimbra entregues, somaram 330. Recordamos aos nossos leitores e amigos que o Lar funciona todo o ano. Se não estiver a senhora ou o chefe do Lar ou eu próprio, podem deixar na caixa do correio que é segura. Recordo também que entregando em mão exigiam sempre comprovativo da entrega ou deixem a sua direcção para passar documento de dedução fiscal ou para agradecer. Isto, aproveitamos para o dizer, também, acerca das entregas em dinheiro na Casa de Miranda do Corvo. Exija-se sempre documento comprovativo da entrega e identificação de quem recebe.

Há muita gente que tem dificuldade em saber onde fica o nosso Lar em Coimbra. Realmente não está bem identificado. Fica numa quelha a meio da Rua Padre Américo. Tem como referência o quartel da GNR na Rua Dias da Silva.

Voltamos à partilha dos nossos amigos. A visita e estadia dos Terceiros Franciscanos de Tomar deixou

muitas sobras do almoço para os rapazes e 550 euros no ofertório da Missa. A Câmara Municipal de Miranda do Corvo com 1000 euros para ajudar a comprar algumas centenas de telhas nos telhados que estamos a substituir. Esposa de antigo gaiato com 25. F. Campo Largo com 250. Isilda, Idalina, Mário e Alexandrina, saldaram as suas assinaturas com dez euros cada. Casal, de Coimbra, entregou a Isabel Iria a assinatura do seu bebé recém-nascido, há dois dias, na Maternidade Daniel de Matos! M. Machado, presidente da Associação dos antigos gaiatos, entregou 342,50, de assinaturas, aquando do Encontro anual dos Antigos. A Ti Domingas, que vive no Lar da Misericórdia de Castelo Branco, faz apostolado, recolhe e envia migalhas com muito amor aos seus gaiatos. Bem haja!

Nos peditórios da Praia de Mira, do Luso e da Figueira da Foz sentimos sempre uma amizade enorme e a alegria pela nossa presença faz abrir as carteiras e os corações de uma forma que só o nosso Deus sabe esclarecer. Quanto a nós, pecadores, quanta confusão... «Deus sabe, padre, não é preciso dizer nada!» E nós calamo-nos e ficamos a rezar baixinho. Assim deve ser.

Padre João

tirar as ervas ruins. Depois de todos partilharem um cântaro de leite, escutámos o Carlos: «*Vou arrancar ervas!*» O trevo prejudica o relvado que circunda o consultório e a farmácia; mas, na várzea, constitui uma erva boa, que torna mais nutritivo o leite, para consumo interno, quando agoniza a agro-pecuária familiar, neste cantinho, dependente, da Europa. Na vessada, entre os pés de milho, cresceu alguma milhã. O desafio ecológico exige restrições na aplicação de fitofármacos; por isso, desenvolvem-se infestantes, que são apanhadas na devida altura, para não arrancar as plantas úteis. O mato do carvalho e pinhal é talhado para uma cama de gado bovino, que vai fertilizar os campos.

A persistência nesta missão, com os doentes e rapazes simples, também é um sinal de que, noutros campos, não surgiram tantos espinhos, onde outrora amadureciam espigas.

As terras aráveis vão sendo substituídas pelas silvas, pelo deserto e pelas torres de betão, da solidão e da divisão humana, em que crescem, com força, o terror e o medo, em vez da confiança e da amizade.

Neste drama, «onde aumentou o pecado, superabundou a graça» (Rm 5,20) que triunfa, silenciosa, como a chuva miudinha, derramada sobre as ervas com boa semente e mais frágeis, que de manhã reverdecem.

É necessário estar vigilante às ervas ruins que podem crescer, em cada canteiro ou leiva, para que todos partilhem do mesmo Pão, que o Pai Celeste nos dá cada dia.

Padre Manuel Mendes

Praticando o Bem

Continuação da página 1

Não sei se O GAIATO poderá trazer alguma luz àqueles órgãos da comunicação escrita. O âmbito dos nossos assuntos é tão rasteirinho; o modo como os atacamos desprovido de técnica e de ciência é tão modesto, espontâneo e apressado, que a gente fica na dúvida.

Agora que O GAIATO faz comunhão da comunicação é uma verdade certificada pelos leitores que se manifestam em tantos testemunhos enviados diariamente no correio que chega.

Escrever como quem reza foi o conselho deixado pelo seu Fundador. Assim a oração bem feita é sempre uma comunhão com Deus projectando a verdadeira luz nos acontecimentos e nos assuntos. Para haver comunhão é indispensável a luz autêntica e o calor humano. Só com a vida comungante das tragédias, das alegrias e das tristezas, descrevendo-as com o coração, se poderá conseguir o objectivo essencial.

O amor, o desprendimento e a dor são mais importantes que a técnica e a ciência, embora estas sejam também de aproveitar ao máximo, na confecção de qualquer peça jornalística.

Navegando um órgão católico numa sociedade pluralista, com o Estado laico, que em muitos dos seus membros e organizações ligadas à política, se assumem como anti-clericais e anti-eclesiais terá de ser sempre um foco de luz que ilumina amigos e inimigos. Clarão divino que, como o sol, resplandece para toda a Humanidade.

É um forte e feliz desafio. Sem medo, já que existem, hoje, tantas correntes que se debatem continuamente contra tudo o que é bom, procurando por todos os meios destruir os valores do homem sobre a capa do progresso e da modernidade, Cristo brilha mais como Luz do mundo.

Ao chegarmos a Fátima fomos almoçar.

Procurámos dois restaurantes que, naquele dia, faziam feriado. Batemos à porta de um terceiro e solicitámos o prato mais rápido. O Júlio, esposa e eu. Comemos bem. Pedimos a conta e já estava tudo arrumado. Quem pagou? — Não sabemos. Alguém que conhecendo-nos fez comunhão connosco!

Padre Acílio

Benguela

Continuação da página 1

desenvolvimento intelectual das crianças. Estamos a ajudá-las, desde pequeninas, com alguma refeição mais rica. Tudo o que fazemos é uma gotinha de água no oceano imenso de necessidades. Estamos felizes, contudo, porque damos o que podemos. À pergunta sacramental que as pessoas nos fazem de como tem sido possível caminhar de cabeça erguida, respondemos que o povo de Portugal, através da Obra da Rua, é o sustentáculo material de toda a actividade que vamos desenvolvendo. Pai Américo e a sua mensagem evangélica continua bem vivo no coração do povo.

Entrei no caminho das crianças com estas Notas, ao passar por Portugal, porque oiço falar em Escolas que fecham, por falta de crianças, e milhares de professores desempregados. Quem me dera vê-los ao lado das crianças de Angola! Quem dera fossem feitos acordos de cooperação, onde, com algum sacrifício de parte a parte, víssemos professores portugueses nas Escolas em Angola. Era caminho seguro para tornar efectiva a presença cultural portuguesa no coração do povo angolano, a começar pelas gerações mais novas que ouvem falar de Portugal, muitas vezes, por um ângulo negativo. Outros países estão a ocupar o lugar que, pela história e tantas afinidades, deve pertencer a Portugal. Refiro-me à vertente da Educação e às outras em que o povo é mais sensível. Não tenhamos dúvidas de que o povo será de quem mostrar que o ama, em verdade. Obrigado!

Padre Manuel António

A incoerência

SABEMOS e várias vezes nos temos feito eco de como os laços de sangue costumam ser empolados por Juízes e por Técnicos Sociais a nível de valor absoluto, fazendo prevalecer os direitos naturais com esta raiz — que indiscutivelmente constituem a regra, mas infelizmente com muitas e frequentes circunstâncias a reclamar excepção. Tais direitos devem ser sempre entendidos em correlação com os deveres que também no sangue têm sua origem. Se não, quando se levantam as questões, as duas partes ficam em desigualdade e de todos os desequilíbrios, é sabido, sofre sempre a parte mais fraca.

Os Tribunais e os Serviços Sociais existem para colmatar brechas que se abrem no tecido social. Na cidade utópica do homem perfeito, cumpridor dos seus deveres, na qual todos vêm satisfeitos os seus direitos, seriam escusadas aquelas Entidades. Na sociedade real em que vivemos, a sua missão é repor o equilíbrio onde ele falta (aí temos a Justiça significada pela balança — e apoiar, justamente, os que

menos condições têm para se defender de adversidades que marcam profundamente as suas vidas.

As novas leis que desde há cerca de dois anos regem o mundo dos menores em problema separaram estes em dois grupos: Os que passaram já a fronteira da delinquência, estes afectos à tutela da Justiça; e os outros que ainda não, ficam sob os cuidados da Segurança Social, pública que pouco pode e a privada na qual, por insuficiente e imperfeita que seja, se encontra a enorme maioria das respostas.

Então porquê a intromissão pleonástica dos Tribunais neste segundo grupo, eles que são os primeiros a queixar-se da saturação de processos, tantos sem fim à vista, esses, sim, da sua responsabilidade sem alternativa?!

Vem isto a propósito da recente visita de uma Técnica que, por ordem do Juiz, vinha estudar a possibilidade do encaminhamento para a adopção de quatro irmãos, dos três aos dez anos, *adoptados* pela Família que somos vai em dois anos, perfeitamente enquadrados e felizes porque muito unidos entre si e juntos.



«Batatinhas» satisfeitos com a beleza do Oceano.

Pois não lhes basta a desgraça de provirem de um lar que nunca o foi nem apresenta qualquer hipótese de vir a ser?! lam agora jogar-se estes meninos como quem dá cartas de um baralho, cortando os laços de sangue que os unem e impedindo de permanecerem a família que são no seio de uma grande Família que tem, graças a Deus (sempre teve!) a possibilidade de os pôr a voar nas alturas para que tiverem asas?!

Mas estes dias nos trouxeram outro clamor de inquietação. Veio de uma cidade do

Alto Alentejo onde as Criaditas dos Pobres também estão. Trata-se de «uma família, casal jovem, com nove filhos, a mais velha com catorze anos e o mais novinho, o Guilherme, agora de dois meses. O pai trabalha, mas ganha pouco e tinha a prestação de uma multa. A mãe tem que cuidar das crianças e não pode trabalhar fora. Como as dificuldades eram grandes, as Assistentes Sociais aconselharam o casal a dar os filhos para a adopção. Os pais recusaram e disseram que a Assistência Social está para ajudar e não tirar os fi-

lhos. Que precisavam de ajuda, mas dar os filhos, nunca.

Começou a luta por lhe tirarem todas as ajudas que estavam a dar. Desde Setembro de 2001 lutamos nós, Criaditas, a par com eles, para que as crianças ficassem com os pais que são uns Pais que se podem escrever com letra grande! Estão quase a vencer... Mas até lá têm de ter muito cui-

dado pois vão ser vigiados para ver se falta alguma coisa às crianças, por onde possam pegar para lhes tirar os filhos».

Depois desta carta, portadora de um apelo que foi logo respondido, recebi um telefonema com a notícia feliz de que o caso chegara a bom termo. Mas foi um ano de sofrimento para aquela pobre gente. Sofrimento imerecido e revoltante que nos coloca a pergunta: — Mas onde estão os critérios?, onde a coerência?...

Tantos casos de que somos directos participantes em que o argumento do sangue tem sido imperativo por parte das Autoridades para entregas de crianças que são autêntica aventura! E este em que os pais são capazes, apenas com dificuldades económicas — será que o seu pecado é atreverem-se, neste tempo, a nove filhos que querem assumir?... Ou será que a lei da oferta e da procura desperta interesses nesta área da adopção?...

A incoerência é o caldo de cultura de muitas interrogações.

Padre Carlos

ENCONTROS EM LISBOA

Os nossos tribunais são em família

UM destes dias tive que fazer «um tribunal» dos nossos por causa de um grupo de rapazes que, tendo passado para o Liceu de Loures, achou que devia dar largas ao tempo e, quando terminavam as aulas, em vez de vir para Casa, continuava por lá, na Escola, a jogar a bola ou nas conversas com este e aquele. Terminou este «tribunal» com o castigo de irem para a copa num sábado ao meio-dia.

Antes de chegarmos a este veredicto, foi observado que o ficarem na Escola só distraía os outros. Foi também dito que a Escola era um local para se ir às aulas e não um lugar de recreio. Alguém disse que, para merecermos ir à Escola, era preciso mostrar, em Casa, através do tempo de estudo, que se queria mesmo estudar. Houve outro que afirmou que, se não vínhamos logo para Casa, isso era matéria de preocupação, dado que não se sabia por onde se andava, se estavam em boas companhias, se estavam doentes ou se tinha acontecido alguma coisa de anormal no autocarro.

Tudo isto aconteceu, depois do jantar, no interior da nossa família. Todos puderam ouvir e todos puderam dar a sua opinião. Todos aprendemos, através de uma situação concreta, as responsabilidades do ir à Escola e do vir para Casa.

Naturalmente que os «tribunais» não são a única forma de corrigir em nossas Casas. Quantas conversas individuais! Quantas ocasiões em que um encontro, no silêncio e na esperança de resultados, acontecem! Quantos avisos de pessoas mais velhas ou mesmo de companheiros!

Os «tribunais» são excelentes momentos de reflexão e de correcção colectiva. Feitos com muito carinho e respeito por aqueles que estão a ser julgados. Feitos num ambiente de família, onde a correcção fraterna tem a primazia...

Já várias vezes tive a ocasião de defender estes «tribunais» face a acusadores sem experiência nestas coisas que barafustavam contra a perda da individualidade, o rebaixamento dos faltosos, etc., etc... Muito fala quem não sentes estes Rapazes como seus.

Dou graças a Deus por Pai Américo ter encontrado esta fórmula pedagógica.

Admira-me é que não se apresente um movimento de fundo na sociedade portuguesa contra o que considero autênticos atentados à dignidade da pessoa humana pela forma como são noticiados os julgamentos em curso nos Tribunais. Antes da pessoa ser ouvida, já o seu nome se passeia enxo-

valhado e condenado nas pantalhas televisivas e nas ondas hertzianas. Às vezes pergunto-me: Para quê as cadeias a fim de expiar a culpa, se já nada resta da dignidade e do nome da pessoa? O seu ser foi de tal maneira estilhaçado que não há possibilidade de reunir os bocados e refazer o homem. Considero que atingimos um despudor e um desrespeito pela pessoa humana e pelo homem que comete erros ou crimes que em nada ajudam o arrependimento, a cura e a reinserção no mundo dos homens. Também não me parece que este seja o caminho da exemplaridade para outros não caírem.

Os «nossos tribunais» são em família. Existe o amor e o desejo profundo da cura. Não são um espectáculo mediático para o mundo ver... Vemos só nós e fazem-nos sofrer porque temos esperança na ressurreição daquele que caiu.

Padre Manuel Cristóvão

Setúbal

Continuação da página 1

São estes mesmos processos que vêm complicando a vida a muitas crianças. São cada vez mais os casos de rapazes que nos chegam nestas idades dos treze em diante. Onde andaram antes? Há mesmo casos que nos foram apresentados no passado e que voltam depois, após experiências falhadas.

Fazer o bem bem feito, requer um ambiente de amor, de comunicação de vida. Não simplesmente um processo mental bem elaborado, antes deixar-se elaborar pelo processo vital em curso, a vida do Rapaz.

Só uma família autêntica, completa, onde a vida se comunica na transpiração da dor, pode o Rapaz fazer-se homem e a sociedade equilibrar-se.

Padre Júlio

A reconciliação

A guerra já acabou. Angola já vive um ambiente de paz. As estradas estão abertas, já há comunicação entre os diversos pontos do País. Mas quando olhamos para o nosso meio notamos que ainda se fazem sentir as consequências da guerra: casas destruídas, estradas cheias de buracos, carros queimados. No rosto das pessoas notamos a tristeza e o desespero. O povo carrega um rosto marcado pelo sofrimento e pela morte. Em Malanje o povo tem falta de tudo o que é essencial. Há falta de medicamentos, de alimento e de vestuário. As escolas também não são suficientes. Há falta de emprego e de habitação. O maior problema que vivemos é dos deslocados e dos acantonamentos.

Há paz mas ainda se vive o sofrimento e a dor que a guerra abriu no coração do povo. Há muita gente que ainda não vive em paz.

Para que haja uma verdadeira paz em Angola não basta só o cessar-fogo que o País vive. É necessário o perdão e a reconciliação entre os cidadãos. Só uma verdadeira reconciliação nacional pode sarar as feridas causadas pela violência e pela morte.

As consequências da guerra fazem-se sentir mais no povo. O mais ofendido, quem tem mais a perder é o povo, a quem a guerra fez perder tudo: os seus filhos, as suas casas e os seus bens. O povo necessita de coragem para perdoar e abraçar o caminho da reconciliação que não é fácil. É um processo longo.

Neste processo de reconciliação entre todas as pessoas ofendidas pela guerra estão os deslocados. Estes viram-se obrigados a deixar tudo; as suas terras de origem, os seus campos e os seus bens materiais e foram viver nos centros das cidades sem as mínimas condições de vida; em situações de miséria humana. Muitos perderam os seus valores, as suas culturas, e a própria dignidade de pessoas humanas. Perderam os seus direitos humanos.

Agora com a paz eles estão regressando para as suas aldeias onde vão recomeçar a vida do nada. Em Malanje este regresso dos deslocados é uma experiência dolorosa. Eles vão de mãos vazias. Têm de percorrer trinta ou quarenta quilómetros a pé e chegam nas suas aldeias cansados, doentes e sem o mínimo de ajuda para reconstruir os seus lares e as suas vidas. Para que haja uma verdadeira reconciliação é urgente que se dê uma ajuda a esta gente marcada pelo sofrimento. Embora as organizações não governamentais e a Igreja se mostrem sensíveis aos inumeráveis e agudíssimos sofrimentos dos deslocados, ainda é necessária muita ajuda.

Numa reflexão sobre a paz, os Bispos de Angola também se questionaram sobre o problema dos deslocados. Quando acabar a pouca ajuda humanitária ainda existente, como poderá viver sem emprego tanta população centrada nas cidades? Não será origem dum descalabro social, capaz de dar origem a outro género de guerras?

É urgente a resolução deste problema. Não se pode falar em perdão e reconciliação à gente que ainda vive em situações precárias.

O perdão e a reconciliação só serão possíveis quando o povo vir os seus direitos respeitados, quando acabar a corrupção e começar o processo da reconstrução nacional.

Padre Custódio